

VOCALISMOS E CONSONANTISMOS NA ROMÂNIA

Roberto Arruda de Oliveira (UFRJ/UFC)

robertoarruda@ufc.br

RESUMO

Conceituamos România e expusemos como se processou a expansão romana pelo Ocidente (época da conquista, diversificação etnológica dos povos conquistados, fragmentação e perda do poder centralizador de Roma, aparecimento do “romance”). Mostramos algumas leis fixas que prevaleceram nas variações vocálicas e consonânticas da România (substituição da quantidade por um sistema qualitativo, variações das vogais tônicas e átonas, ditongos, consoantes iniciais, mediais, finais e grupos consonantais). Tendo o latim vulgar como parâmetro, destacamos as principais línguas neolatinas (português, espanhol, italiano, francês, romeno, sardo, catalão, provençal) assim como algumas de suas formas dialetais (obvâldico, logudorês, engadino). Evidenciamos o *Appendix Probi* como registro das formas coloquiais.

Palavras-chave: Vocalismos. Consonantismos. Latim vulgar.

Divididas em diversas províncias, denomina-se România o território que os romanos ocuparam em sua expansão: Hispânia, Gália, Itália e a Dácia. Até o século V d.C., todas se encontravam integradas ao Império Romano. Pelas armas conquistadoras das legiões romanas, o latim vulgar é imposto como língua natural desses lugares. No entanto, vai se modificando na medida em que se propaga por toda a Península Itálica, Europa e norte da África. As conquistas romanas, devemos estar cientes, processaram-se em diferentes épocas. Roma não impôs seu domínio ao mesmo tempo a todos os povos: foram

vários os séculos de dominação. Eis uma das causas de diferenciação das línguas românicas, o fator histórico.

A Sicília, v. g., é convertida em província romana no ano 241 a.C.; a Córsega e a Sardenha, no ano 238 a.C.; a Hispânia, no ano 197 a.C.; a Ilíria, no ano 167 a.C.; a África, a partir da vitória sobre Cartago, em 146 a.C.; a Gália meridional, no ano 120 a.C.; a Gália setentrional foi incorporada ao Império Romano em 50 a.C.; a Dácia somente no ano 107 d.C. Não foram poucas as modificações sofridas pelo latim ao longo desses espaços. Por isso, o sardo apresenta traços de um latim muito mais antigo que o do italiano assim como os celtiberos conheceram um mais antigo que o usado pelos gauleses.

Outro fator de diferenciação interna das línguas se atribui à diversificação etnológica dos povos conquistados. Na própria Itália, além do osco e do umbro, eram falados outros idiomas: o messápico, ao sudeste; o grego, na Sicília e no sul; o etrusco, ao norte; o céltico, na região do Pó; o ligúrico, ao noroeste; o vêneto, ao nordeste. Na Gália, o ibérico, o ligúrico e o gaulês. Na Península Ibérica, o ibérico e o céltico. Ao adotarem o latim como língua oficial era inevitável que cada povo o transformasse de acordo com os próprios hábitos fonéticos, de acordo com o próprio sotaque, o qual diferia de povo para povo: eis o que os linguistas denominam substrato. Acrescente-se a isso também a ação do superstrato: o fato dos diversos povos bárbaros, de língua germânica, adotarem o latim como língua primeira nas regiões invadidas. Cada um desses povos falava o dialeto latino a seu modo, conferindo-lhe aspectos de seus hábitos linguísticos anteriores.

Com o declínio do Império Romano, sua conseqüente fragmentação e perda do poder centralizador, a unidade linguística se desfaz, o latim começa a evoluir de forma diferente nas diversas colônias romanas, proporcionando assim o aparecimento dos dialetos locais que se transformariam em línguas independentes.

No momento em que esses dialetos começam a se tornar ininteligíveis ao falante do latim, dá-se início o processo de romanização. Os documentos nos cartórios, contudo, continuam ainda por muito tempo recorrendo a expressões do latim vulgar: esta língua escrita era denominada latim bárbaro. Segundo Grandgent (1952, § 3), o latim vulgar teria existido entre o século II a.C. e o VI d.C., quando teria principiado a romanização. As transformações que ele sofreu nas diversas regiões da România transformaram-no nos diferentes “romances” ou “romanços” e, posteriormente, nas várias línguas românicas: português, espanhol, francês, italiano, provençal, sardo, galego, catalão, dalmático, romeno, reto-romano. Não convém dizer que estas línguas provêm do latim, mas que são, na verdade, seu estágio atual. Nunca houve um momento, de fato, em que o latim findou para dar origem ao romance: houve sempre uma continuidade linguística.

A partir daí, sucessivas invasões bárbaras quebraram a unidade política entre essas províncias levando-as a uma evolução linguística independente: as línguas começam a se modificar de forma diferente em cada localidade. Assim, o francês se tornou o estado atual do latim falado na Gália; o romeno a continuidade do latim falado na Dácia; o português do latim falado na Lusitânia. As línguas românicas são, portanto, a continuação de uma língua anterior, o latim, e representam as fases atuais do latim vulgar falado em todo Império Romano. Assim, podemos afirmar que os vocábulos das línguas românicas continuam, atentando para as devidas leis fonéticas as quais estão sujeitos, os vocábulos do latim vulgar.

Língua e discurso não são nunca um estado, mas um *devenir*. Desse modo, um vocábulo como “pé” evoluiu para o português do seguinte modo: *pede* > *pee* > *pé*; do mesmo modo, o vocábulo “cru”: *crudu* > *cruu* > *cru*; também o vocábulo “como” obedeceu à seguinte evolução: *quomodo* > *comoo* > *como*. A partir daí podemos concluir que o fonema consonân-

tico /d/ intervocálico é sincopado em sua passagem para o português. Analisando ainda um outro vocábulo como “ler”, cuja evolução foi *legere* > *leer* > *ler*, podemos deduzir que outro fonema consonântico, /g/, teve idêntico destino. O mesmo não ocorreu com o verbo “saber”: *sapere* > *saber*. Nesse caso, o fonema consonântico /p/, em vez de desaparecer, alterou-se para /b/.

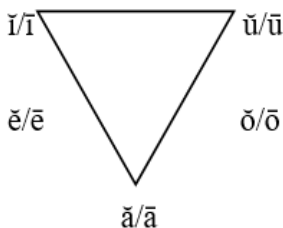
Analisando outras palavras semelhantes, podemos verificar que sua evolução para o português é sempre a mesma: *lupu* > *lobo*; *capere* > *caber*; *capillu* > *cabelo*; *sapere* > *sabor* etc. Observando ainda a palavra “toda”, assim evolvida *tota* > *toda*, podemos verificar que o fonema /t/ em posição intervocálica não desaparece, mas se transforma em /d/, e assim noutros casos semelhantes: *mutu* > *mudo*; *potere* > *poder*; *rota* > *roda* etc.

Todos os fonemas considerados são consonânticos mediais em posição intervocálica; as consoantes /b/ e /g/ são ambas sonoras quanto ao papel das cordas vocálicas, ao passo que /p/ e /t/ são surdas. Concluímos disso, então, que, na evolução do latim para o português, as consoantes sonoras intervocálicas desaparecem e as surdas se transformam. As consoantes /p/ e /t/ transformam-se, respectivamente, em /b/ e /d/. Os fonemas /p/ e /b/ são bilabiais, o primeiro surdo e o segundo sonoro, enquanto /t/ e /d/ são linguodentais, o primeiro surdo e o segundo sonoro. As consoantes intervocálicas surdas transformam-se em sonoras, produzidas no mesmo ponto de articulação. O mesmo processo ocorre com os demais fonemas em condições idênticas: *metu* > *medo*; *dico* > *digo*; *profectu* > *proveito*; *dicere* > *dizer*; *causa* > *coisa* etc.

Percebemos então que a evolução fonética se processa através de leis fonéticas constantes e regulares, que não admitem exceções. Assim, os fonemas sofrem modificações e quedas na passagem do latim para o português. Na verdade, não é o som que se altera, mas a disposição dos órgãos do aparelho

fonador para o emitirem. O mesmo ocorre em qualquer outro idioma vivo. Como os fonemas classificam-se em vogais e consoantes temos de primeiro mostrar a evolução de suas vogais e só depois o das consoantes.

No estudo das alterações sofridas pelas vogais e pelos encontros vocálicos, na evolução do latim para o português, os fonemas vocálicos não obedecem às mesmas leis. A diversidade na evolução dos fonemas vocálicos explica-se pela quantidade latina e pela posição na palavra (pretônicas, tônicas e postônicas). Segundo a quantidade, as vogais latinas podiam ser longas ou breves. As longas exigiam um maior tempo de prolação, as breves não: o tempo de emissão de uma longa equivalia ao de duas breves. Nos dissílabos a acentuação tônica recaía na primeira sílaba, enquanto nos polissílabos a tônica dependia do acento da penúltima sílaba: se fosse breve, a palavra seria proparoxítona, se longa, paroxítona. Pela quantidade se podia distinguir, muitas vezes, os sentidos quer dos radicais, quer dos sufixos ou flexões. Deste modo, pela quantidade, *ōs* (osso), diferia de *ōs* (boca); *mālum* (maçã), de *mālum* (desgraça); *pōpulus* (álamo), de *pōpulus* (povo) etc. Distinguia-se também: *rosā* (nom.), de *rosā* (abl.); *lēgit* (pres.), de *lēgit* (perf.). Assim, o latim literário tinha cinco qualidades vocálicas:



A partir do século I d.C. ocorre no latim vulgar uma confusão no valor quantitativo das vogais: nas sílabas abertas (não travadas por consoante ou semivogal), as vogais eram pronunciadas como longas, e nas sílabas fechadas (travadas

por consoante ou semivogal) eram breves. Confusão que se agrava nos séculos posteriores com o desaparecimento da quantidade, primeiro das vogais átonas (século III e IV d.C.), depois das tônicas (século IV, V e VI). Desaparecida a quantidade, as vogais começaram a se distinguir somente pelo timbre, ou qualidade. O acento tônico permaneceu:

Quantidade em latim clássico	Quantidade em latim vulgar	Exemplos
ā, ā	a	pater, mater (sem diferença na quantidade)
ē	e	fēsta, hērba, pēde, dēce(m)
ē	e	vēndemia, fēmina, mē(n)sa, ēsca
ī	e	pēper, nēve, mētere, pēsce
ī	i	fīlia, spīna, mīlle, scriptum
ō	o	pōrta, oōcto, rōta, nōve(m)
ō	o	cōgnosco, sōle, scōpa, vōce
ū	o	bocca, mōsca, nōce, croce
ū	u	ūnu, mūsculu, nūllu

Isso levou a uma aproximação entre “ī” (“i” aberto) e “ē” (“e” fechado), assim como entre “ū” (“u” aberto) e “ō” (“o” fechado). Essas vogais, distintas no latim clássico, assumiram um só valor no vulgar: “ī” e “ē” convergiram para o som “e” fechado, enquanto “ū” e “ō” para “o” fechado. Houve, contudo, regiões na România em que isso não aconteceu. Assim surgiu o sistema qualitativo itálico, comprovado, segundo Lausberg (1981, p. 111), desde o século III d.C., mas provavelmente mais antigo:

Quantidade em latim clássico	Quantidade em latim vulgar
ā, ā	a
ē	e
ē, ī	e
ī	i
ō	o
ō, ū	o
ū	u

Assim, temos as seguintes correções para as vogais tônicas no *Appendix Probi*: *colūmna* non colomna; *tūrma* non torma. Rigorosamente a vogal “u” do latim clássico deveria ser longa, mas com a perda da noção de quantidade se abreviou, transformando-se em “o” fechado. As vogais latinas dis-

tinguiam-se tanto pela quantidade (breves e longas) quanto pelo timbre (abertas e fechadas). Com exceção do “a”, que era sempre aberto, as vogais longas eram fechadas e as breves abertas: as diferenças de timbre estavam ligadas às diferenças de quantidade. Com a perda da noção de quantidade, passaram as vogais a se distinguir apenas pelo timbre. Assim, as vogais tônicas em português, respeitadas os valores do latim vulgar, permaneceram (as formas do latim vulgar são dadas já com o “-m” apocopado): *prātu > prado; āqua > água; pĕtra > pedra; cĕra > cera; pĭra > pera; vĭta > vida; prŏba > prova; amŏre > amor; bŭcca > boca; pŭru > puro.*

Percebemos acima que tanto as vogais tônicas livres quanto as travadas se conservaram na passagem do latim para o português. Não se percebe em português, portanto, o fenômeno da ditongação, tão comum no espanhol, no francês e no italiano nas vogais tônicas livres:

latim vulgar	português	espanhol	italiano	francês	romeno
a	a	a	a	ɛ/ɛ̃	a
ē	ê	ié	ié	ié	ê
ē	ê	e	ɛ	uá	ɛá
i	i	i	i	i	i
o	o	ué	uó	ö	o
o	o	o	o	ö	oá
u	u	u	u	ü	u

Assim, as vogais tônicas livres sofreram as seguintes variações:

latim vulgar	português	espanhol	italiano	francês	romeno
pratu	prado	prado	prato	pré	prat
cĕlu	céu	cielo	cielo	ciel	cer
tĕla	teia	tela	tela	toile	teará
vinea	vinha	viña	vigna	vigne	vie
nŏvu	novo	nuevo	nuovo	neuf	noü
flŏre	flor	flor	fiore	fleur	floare
muru	muro	muro	muro	mur	mur

Com relação às vogais tônicas travadas o italiano e o francês perderam a ditongação:

latim vulgar	português	espanhol	italiano	francês	romeno
a	a	a	a	a	a
ę	ę	ié	ę	ę	ié
e	e	e	e	e	e
i	i	i	i	i	i
o	o	ué	o	ü	oá
o	o	o	o	u	o
u	u	u	u	ü	u

Deste modo, poderemos exemplificar:

latim vulgar	port.	espanhol	italiano	francês	romeno
caballu	cavalo	caballo	cavallo	cheval	cal
fěrru	ferro	hierro	ferro	fer	fier
stělla	estrela	estrella	stella	[étoile ¹⁸]	stea
mille	mil	mil	mille	mil	mie
fōrte	forte	fuerte	forte	fort	foarte
cōrte (de cohorte)	corte	corte	corte	cour	rostru (lat.) > rost
justu	justo	justo	giusto	juste	fustu (lat.) > fust

Alterações relativas às vogais átonas estão também documentadas no *Appendix Probi*: *masculus* non *masclus*; *calida* non *calda*; *viridis* non *virdis*. Pelos exemplos acima deduzimos facilmente que no latim vulgar havia tendência para a síncope ou queda das vogais átonas. Este fenômeno, contudo, não se processou de imediato, mas paulatinamente, e tendo antes o fonema se debilitado como mostra, em outros exemplos, o próprio Apêndice: *cithara* non *citera*.

O que é certo é que as vogais átonas pretônicas e postônicas tenderam ao desaparecimento em português: tanto as pretônicas [*caballicare* > *caval(e)gar* > *cavalgar*; *del(i)catu* > *del(e)gado* > *delgado*; *sol(i)tariu* > *solteiro*; *sol(i)datu* > *soldado*] como as postônicas [*man(i)ca* > *man(e)ga* > *manga*; *lep(o)re* > *lebre*; *sem(i)ta* > *senda*; *vir(i)de* > *verde*].

Nas outras línguas neolatinas, as pretônicas tendem também à síncope:

¹⁸ Lausberg (*op. cit.*, p. 111 e 119) nos adverte que o latim “-ll” depois de vogal longa por natureza simplifica-se para “-l-” perdendo assim o “-ste-” o caráter de sílaba travada.

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom	prov.	catalão
veritâte	verdade	verdad	verità	vérité (fr. ant. verté)	–	ver- dat	–
verecun- diã	vergo- nha	vergüen- za	vergogna	ver- gogne	–	ver- gonha	ver- gonya
judicãre	julgar	juzgar	giudicare	juger	judeca	jutjar	jutjar

O mesmo ocorre com as postônicas, excetuando-se às vezes em italiano e romeno que são línguas proparoxítonas:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.
viríde	verde	verde	verde	vert	verde	vert	vert
lepõre	lebre	liebre	lepre	lièvre	iépure	lebre	llebre
hedëra	hera	hiedra	edera	lierre	ièderã	elra	aura
oricũla	orelha	oreja	orecchio	oreille	ureche	aurelha	orella

Quanto às vogais átonas finais, a língua que melhor as conserva é o italiano. O sardo e o romeno possuem alguns casos de apócope. O francês o provençal e o catalão são as línguas que menos conservam as vogais finais. O português e o espanhol estão em posição intermediária:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo
levare	levar	llevar	levare	lever	luare	levar	llevar	leare
caballu	cavalo	caballo	cavallo	cheval	cal	caval	cavall	caddu
rota	roda	rueda	ruota	roue	roatã	–	roda	roda

Os ditongos latinos, por sua vez, distinguem-se dos românicos: os primeiros são os que já existem em latim, os segundos, os que se processaram no decurso da evolução para as línguas românicas. Os latinos, dos quais o segundo era raro, eram apenas três: “-ae”, “-oe”, “-au”. Já o *Appendix Probi* apontava para uma redução presente no latim vulgar: *aquae-ductus* non *aquiductus*; *terraemotus* non *terrimotium*.

Além disso, Varrão, em seu *De Língua Latina*, informa-nos que na fala rústica dizia-se *edus* em vez de *aedus*, e *mesium* em vez de *maesium*. No que tange a “-oe”, alguns exemplos da *Peregrinatio* apresentam também esta tendência para a redução: *amenu* por *amoenus*, *cepi* por *coepi*. E, por fim, o “-au”, como documenta o *Appendix Probi*, monotongou-se também para “-o”: *auris* non *oricla*. Segundo Lausberg (*op. cit.*, p.145) esta redução já havia se processado no século I d.C.,

transformando-se “-ae” em “-e” (aberto), raramente fechado, e “-oe” em “-e” (fechado). Disso resulta no português os seguintes metaplasmos para os ditongos latinos: *-ae* > *-é*: *caecu* > *cego*; *-oe* > *-ê*: *poena* > *pena*; *-au* > *-ou*: *auru* > *ouro*. Os ditongos românicos, por outro lado, tiveram as seguintes alterações no português: *-ai* > *-ei*: *lacte* > *laite* > *leite*; *-ui* > *-u*: *fructu* > *fruito* > *fruto*; *-au* > *-ou*: *falce* > *fauce* > *fouce*.

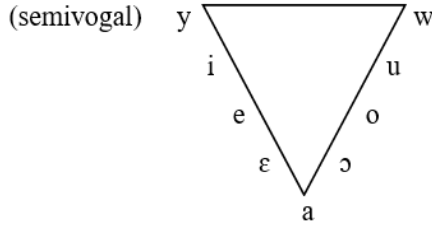
O mesmo ocorreu nas línguas românicas. Todavia, a passagem de *-au* > *-o* não se processou em todas elas: no romeno e no provençal manteve-se. Em sardo se reduziu a “-a” e em português a evolução ficou pela metade, ou seja, “-ou”, apesar da tendência para a monotongação: a partir do século XV, contudo, “-ou” se alterna com “-oi”:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo
auru	ouro (oiro)	oro	oro	or	aur	aur	–	–
pauca	pouco	poco	poco	peu	–	pauc	poc	pagu
pauper	pobre	pobre	povero	pauvre ¹⁹ (fr. arc. po- vre)	–	pauvre	–	pábaru

Tal qual os ditongos, os hiatos latinos se diferenciam dos românicos: os primeiros são constituídos pelos encontros vocálicos “-ea”, “-ua”, e os segundos surgiram no decorrer da evolução da palavra. Uma tendência para eliminá-los é comprovada pelo *Appendix Probi*: *palearium* non *paliarium*; *vinea* non *vinia*; *lancea* non *lancia*; *februarius* non *febrarius*.

É preciso ter em conta que as vogais são produzidas, fisiologicamente, numa escala que vai de um maior grau de abertura da cavidade bucal para um maior grau de fechamento:

¹⁹ Francês moderno “-au” é mera grafia.



O processo de mudança do hiato consiste nas seguintes fases: maior fechamento da primeira vogal: *-ea* > *-ia*; semivogalização dessa vogal e conseqüente transformação do hiato em ditongo: *-ia* > *-ya*; criação de grupos formados de consoante e semivogal: *ly-*, *ny-*, *cy-*; evolução própria de cada um desses grupos: *ly-* > *lh*; *ny-* > *nh*; *cy-* > *ç*.

Disso se auferre, baseado no que nos informa o *Appendix Probi*, o seguinte: *paleariu* > *paliariu* > *palyariu* > *palheiro*; *vinea* > *vinia* > *vinya* > *vinha*; *lancea* > *lancia* > *lancya* > *lança*.

No que diz respeito ao hiato “-ua”, é de se notar que a primeira vogal se transforma em semivogal, e depois desaparece: *februariu* > *febrwáriu* > *febrariu* > *fevereiro*.

Já os hiatos românicos somem por meio de dois processos: crase das vogais (*colore* > *coor* > *cor*; *crudu* > *cruu* > *cru*; *dolore* > *door* > *dor*; *sedere* > *seer* > *ser*)²⁰ e pela intercalação de uma semivogal entre as vogais (*foedu* > *fêo* > *feio*; *credo* > *crêo* > *creio*; *cena* > *cêa* > *ceia*).

No que diz respeito ao consonantismo, as consoantes iniciais, de um modo geral, mantiveram-se inalteradas na passagem para as línguas românicas:

²⁰ Quando se trata, contudo, de vogais diferentes ocorre antes uma assimilação: *pa-lomba* > *paomba* > *poo[m]ba* > *pomba*; *sagitta* > *saeta* > *see[ta]* > *seta*.

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo
tempus	tempo	tiempo	tempo	temps	timp	temps	temps	tempus
caballu	cavalo ²¹	caballo	cavallo	cheval ²²	cal	caval	cavall	caddu
gutta	gota	gota	gotta	goutte	gutã	gota	gota	gutta
caelu	céu	cielo [e]	cielo [tʃ]	ciel	cer [tʃ]	cel [s]	cel [s]	kelu ²³
ferru	ferro	hierro ²⁴	ferro	fer	fier	ferre	ferre	ferru
habere	haver	haber	avere	avoir	a avea	aver	haver	—
vinu	vinho	vino [b] ²⁵	vino [v]	vin [v]	vin [v]	vi(n)[v]	vi [b]	binu [b]
jacere	jazer	yacer	giacere	gésir	—	jazer	jaure	—

Com relação ao quadro acima teremos de fazer algumas considerações sobre as consoantes “c-”, “h-” e “i-” e “u-” (grafado “j” e “v”) consonantais: A letra “c-” em latim representava sempre o fonema /k/, tanto antes de “-a”, “-o”, “-u”, como antes de “-e”, “-i”. O contato com as palatais “-e”, “-i”, segundo Sílvio Elia (1979, p.186), provocou uma palatização no “c-”, o que deu origem a uma articulação representada por *ky*. A palavra “cera” passou a ser pronunciada, depois do século III d.C., /kyera/, e não /kera/. Desta palatização surgiu um fonema africado que, conforme a região da România, ora se pronunciava [tʃ], ora [ts] (assibilado), por volta do século V d.C. A fricativa permanece em italiano e romeno, enquanto no sardo, a mais conservadora das línguas românicas, permaneceu a articulação velar [k].

²¹ Há exceções como *cattu* > *gato*.

²² Palatiza-se em francês.

²³ O “c-” diante de “-e” e de “-i” palatizou-se em toda parte, menos no sardo, que conserva o som duro [k] denotador de arcaicidade.

²⁴ Em espanhol o “-f” latino passa a “-h” mudo. Antes de “-r” e “-u” mantém-se ainda hoje o “-f”: *focu* > *fuego*; *fui* > *fui*; *fricare* > *fregar*.

²⁵ Em algumas regiões da România houve a tendência para a transformação de “-v” no som oclusivo “-b” (betacismo). No espanhol, v.g., “-v” é representado pela fricativa [β]. Ao contrário do sardo, a ortografia do espanhol moderno se baseia na latina: *vir(i)de* > *verde*.

No “h-” inicial, segundo Elia (*op. cit.*, p. 184), havia uma ligeira aspiração nas classes cultas – talvez por influência da aspiração grega –, enquanto nas classes populares era mudo: prova a ausência de vestígios nas línguas românicas. Este, destituído de qualquer valor fonético, teria sido mantido, continua Elia, graças ao espírito tradicionalista das escolas. Segundo Lausberg (*op. cit.*, p. 165), a forma básica para as línguas românicas seria “omo”, e não “homo”: a ortografia das línguas românicas teria introduzido o sinal “h” (sem valor fonético) para copiar o modelo latino (fr. *l’homme*, esp. *el hombre*, mas o it. *l’uomo* etc.).

O “i-” consonantal, antes de vogal, era pronunciado como a vogal fricativa [y]: *iam*. Na língua vulgar, contudo, já apresentava *acentuada palatização, pronunciando-se aproximadamente “djy”* (MAURER JR., 1959, p. 34). O “u-” consonantal (hoje escrito “v”), num período mais antigo pronunciado arredondado [ω], *era*, segundo Lausberg (*op. cit.*, p. 165), *desde o século I depois de Cristo uma fricativa bilabial não arredondada [β]*: evoluiria mais tarde para uma fricativa labiodental [v].

Com relação às consoantes mediais o fato mais marcante é a transformação das oclusivas surdas intervocálicas em suas homorgânicas sonoras, exceto no italiano e no romeno:

l. vulgar	port.	esp.	italiano	francês	rom.	prov.	cat.
sapere	saber	saber	sapere	savoir	–	saber	saber
maturu	maduro	maduro	maturu	mûr	mătur	madur	–
securu	seguro	seguro	sicuro	sûr	–	segur	segur
ripa	riba	riba	ripa	rive	ripă	riba	riba
mutare	mudar	mudar	mutare	muer	a muta	mudar	– –

Em português, o mesmo aconteceu com as fricativas: *profectu* > *proveito*; *aurifce* > *ourives*; *rosa* [s] > *rosa* [z]; *casa* [s] > *casa* [z]. A oclusiva sonora velar /g/, por outro lado, que se palatizou na língua vulgar, antes de “e” e “i”, *transformando-se antes do fim do período latino em um “y” fortemen-*

te palatizado, talvez “djy” (MAURER JR., *op. cit.*, p. 31), manteve-se ou desapareceu:

l. vulgar	port.	esp.	italiano	francês	rom.	prov.	cat.
plaga	chaga	llaga	piaga	plaic	plaga	plaga	–
lege	lei	ley	legge	loi	lege	lei	–

As consoantes duplas, com exceção do “-rr”, tendem a se simplificar, mas se conservam no italiano:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo
vacca	vaca	vaca	vacca	vache	vacă	vaca	–	–
stëlla	estrela	estrella ²⁶	stella	étoile	stea	–	estela	isteddu
terra	terra ²⁷	tierra	terra	terre	tară	terra	terra	–
flamma	chama	llama	fiamma	flamme	flamă	flama	–	–
annu	ano	año	anno	an	an	an	any [añ]	annu

Já as consoantes finais, em alguns casos, desapareceram, mas em outros se mantiveram:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo
nomen	nome	nombre	nome	nom	nu-me	nom	nom	nomen
feminas	fêmeas	hembras	–	femmes	–	femnas	femnas	feminas
cantat	canta	canta	canta	chante	cînta	canta	canta	cantat ²⁸
semper	sempre	siempre	sempre	sempre (ant.)	inter > între	sempre	sempre	sémper(e) ²⁹
cantas	cantas	cantas	canti	chantes	cînti	cantas	cantes	cantas

A consoante “-m” tende a desaparecer já desde o latim vulgar: *rosam* (l. cl.) > *rosa* (l. vl.); o “-n” e o “-t” sofrem apócope, exceto em sardo³⁰; o “-r” sofre metátese, exceto no sardo; o “-s” conserva-se no plural dos nomes e nas desinências finais, menos em italiano e romeno.

²⁶ Em espanhol se palatiza.

²⁷ Em português, espanhol, provençal, catalão e francês passa com valor de “-rr” longo rolado.

²⁸ Ou *cantad* (antes de vogal).

²⁹ Vogal paragógica facultativa.

³⁰ Nos perfeitos do italiano, *fécero* (< *fecerunt*), *diédero* (< *dederunt*), o “-n” desaparece.

Dos grupos consonantais latinos observamos que a “consoante + l” inicial mantém-se em francês, provençal, catalão e reto-romano³¹. Em português e espanhol houve uma tendência à palatalização:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sar- do	obv.
plenu	cheio	lleno	pieno	plein	plin	ple	ple	pre- nu ³²	plein
clave	chave	llave	chiave	clef	cheie [kye- ye]	clau	clau	krae	clav
blas- phemare	las- timar	las- timar	biasi- mare	blâ- mer	bles- temá	blas mar	blas mar	–	blas mar
glande	lan- de ³³	lan- dre	ghian- da	gland	ghin- dã	glan	glan	gran de	glogn
flamma	châ- ma	llama	fiam- ma	flam me	flamá	flama	flama	–	flom ma

Devemos notar no português e espanhol a ausência de palatalização nos grupos “bl-” e “gl-”, nos quais ocorre aférese. Devemos ainda atentar para alguns verbos latinos de fonologia irregular os quais não se palatalizam em português: *place-re* > *prazer*; *blandu* > *brandu*; *claru* > *claro*; *flore* > *flor*. Segundo Lausberg (*op. cit.*, p. 179),

ou são palavras eruditas (empréstimos do latim ou de uma outra língua escrita românica), ou provém de uma fonologia dialetal cuja evolução se processa num outro sentido. Esclarecer em pormenor estas questões é tarefa da história da palavra.

O grupo “consoante + r” inicial normalmente se mantém:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
pratu	prado	prado	prato	pré	prat	prat	prat	pradu	prau
brachiu	braço	brazo	braccio	bras	brat	bratz	bras	–	bratsch
trahere	trazer	traer	trarre	traire	trage	traire	traure	tráere	trer
credere	crer	crer	credere	croire	crede	creire	creure	kréere	crer
granu	grão	grano	grano	grain	gráu	gra	gra	–	graun
frenu	freio	freno	freno	frein	früu	free	free	–	frein

³¹ Representado aqui por seu dialeto obvaldico (sobresselvano) falado no Reno anterior.

³² Em sardo mantém-se num período mais antigo, passando posteriormente a “-r”.

³³ Glande ou bolota do carvalho, ou de qualquer árvore de fruto semelhante.

Já no medial (consoante + r) a consoante tem um tratamento semelhante ao da consoante intervocálica: as surdas permanecem fixas somente no romeno e no italiano:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
capra	cabra	cabra	capra	chèvre	capră	cabra	–	ka-pra ³⁴	caura < ca-vra
petra	pedra	piedra	pietra	pierre	piatră	peira	pe-dra	pedra	pe-dra
lacrima	lágrima	lágrima	lacrima	larme	la-crămă	lagrema	–	–	larma

Ao contrário do que ocorre quando inicial, a “consoante + l” se palataliza no reto-romano, no francês e no provençal quando medial:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv. ³⁵
auricla > oricla	orelha	oreja	orechio	oreille ³⁶	urechie	aurelha	orella	arikra [ariyra]	ureglia
oclu	olho	ojo	occhio	oeil	ochiu	uelh	ull	okru [oyru]	egl
coag(u)lu	coelho	cuaajo	caglio	cail (ant.)	chiag	calh	coall	–	cuagl

O grupo oclusiva c + t, por sua vez, assimila-se em italiano; palataliza-se em português, espanhol, francês e provençal; labialização do “c” em romeno:

l. vulgar	port.	esp.	italiano	francês	romeno	prov.	cat.	sardo	obvãldico
lacte	leite	leche	latte	lait	lapte	lach	llét	–	latg
nocte	noite	noche	notte	nuit	noapte	noch	nit	notte	–

Já a oclusiva p + t mantém-se em romeno; assimila-se em italiano; assimila-se e simplifica-se nas demais:

³⁴ Dialetos sardos centrais.

³⁵ Dialeto do reto-romano.

³⁶ No francês antigo era palatizado

l. vulgar	port.	esp.	italiano	francês	romeno	prov.	cat.	sardo	obválido
septem	sete	sete	sette	sept < set	șapte	set	set	sette	siat

A oclusiva c + s (= x) palataliza-se em português, italiano e catalão:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
coxa	coxa < coixa	cojo	coscia	cuisse	coapsă	cuoissa	cuixa	–	queissa

A oclusiva g + n tende a palatalização, exceto em romeno, cuja pronúncia velar [yn] evoluiu para “-mn”:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
pugnu	punho	puño	pugno	poing	pumn	ponh	puny	–	pugn

No grupo “l + consoante” a pronúncia velar do “-l” no latim está presente no português (caso não ocorra vocalização total para “-u”) e no catalão. Em francês, provençal e reto-romano vocaliza-se para “-u”; no obválido apresenta transição; em espanhol, sardo, italiano e romeno em vez de um “-l” velar temos um “l” apical (não velarizado, que em muitos dialetos passa a “-r”):

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	log. ³⁷	obv.	eng. ³⁸
altu	alto	alto	alto	haut	înalt	aut	alt	artu	aalt	ot

Em português ocorre em alguns casos vocalização: *alteru* > *altru* > *outro*; *multu* > *multo*; *palpare* > *paupare* > *poupar*; *falce* > *fauce* > *foice*.

O grupo latino “r + consoante” permanece normalmente constante: os grupos “-rb” e “-rv” se alternam revelando uma antiga influência mútua; o português substitui (como faz com “-lb” por “-lv”: *albu* > *alvo*) “-rb” por “-rv”; o grupo “-rs” tendia já no latim vulgar para a assimilação “-ss”:

³⁷ Dialeto sardo falado na parte central da Sardenha.

³⁸ Dialeto do reto-romano.

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.	eng.
porta	porta	puer-ta	porta	porte	po-artà	porta	–	porta	por-ta	–
herba	erva	hier-ba	erba	her-be	iarbà	her-ba	er-ba	–	jarva	er-va
dossu <dor-su	dor-so	dorso	dos-so	dos	dos	dos	dos	dos-su	–	–

Quanto à nasal + consoante, o grupo “m + cons.” normalmente mantém-se, exceto no espanhol no qual se dá uma assimilação: *mb* > *mm* > *m*; o grupo “n + cons.” mantém-se; o grupo “-mn” assimila-se em parte para “-nn” em sardo, italiano, reto-romano, provençal, catalão, espanhol e português, e em parte para “-mn” em francês (e isoladamente para o provençal); em romeno mantém-se:

l. vulgar	port.	esp.	it.	fr.	rom.	prov.	cat	sardo	obv.
plum-bu	chum-bo	plomo	piom-bo	plomb ³⁹	plumb	plom b	–	–	–
cinque	cinco	cinco	cinque	cinq	cinci [tʃin-tɛ]	cinc	–	–	tschun
somnu	sono	sueño (ñ<nn)	sonno	som-meil	somn	son (tb. som)	so n	sonn u	sien

Por fim, no grupo latino “s + consoante”, o “s-” se mantém em espanhol, provençal e italiano; também em romeno, exceto diante de “-i”; em reto-romano, catalão e português palatizou-se, conferindo em catalão e português um “-i” à sílaba precedente:

l. vulgar	port.	esp.	ital.	fr.	rom.	prov.	cat.	sardo	obv.
costa	costa	cueta	costa	côte<coste	coastà	costa	–	–	costa
pisce	peixe	pez	pesce	poisson	pește	peis	peix	piske	pèsch

Percebemos assim que as perspectivas propostas pelos estudos filológicos nos permitem ter uma dimensão mais segura das leis linguísticas que perfizeram as línguas neolatinas, permitem-nos avaliar de forma acadêmica o quanto se faz mis-

³⁹ Note que em francês ocorre a perda da oclusão pela nasalização da vogal.

ter uma introspecção diacrônica para se conceber uma ideia múltipla dos princípios que as nortearam. É inegável que no processo de romanização do Império, a língua do homem comum, do lavrador, do soldado, do comerciante, do escravo, o chamado o latim vulgar, ocupou um papel mais importante que a língua literária. As variações observadas nos atestam que o latim, ainda que alterado, permanece vivo nos falares hodiernos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIA, Sílvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

GRANDGENT, C. H. *Introducción al Latin Vulgar*. 2. ed. facsimilar. Tradução do inglês por Francisco de B. Moll, corrigida e aumentada com notas, prólogo e uma antologia. Madri: Revista de Filología Española, 1952.

LAUSBERG, Heinrich. *Linguística Românica*. Trad.: Marion Ehrhardt & Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.